

Liberdade, liberdade e o moderno teatro brasileiro

Gabriela Maria Lisboa Pinheiro
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da USP
Área de estudo: Teatro Brasileiro - Orientador: Prof. Dr. João Roberto Faria
Mestre em Literatura Brasileira
Professora de Língua Portuguesa e Literatura

Resumo: Millôr Fernandes representa, sem dúvida alguma, um dos nomes mais importantes da literatura brasileira contemporânea. Sua larga produção literária inclui, entre outros tipos de texto, peças teatrais, musicais e traduções. Assim como acontece a diversos autores brasileiros, sua produção literária, e especialmente a teatral, ainda não foi estudada na mesma medida em que é (re)conhecida. Este trabalho pretende desenvolver uma análise dos aspectos formais de criação da peça *Liberdade, liberdade*, escrita juntamente com Flávio Rangel, em 1965. A estrutura do texto é inovadora e constrói uma sátira ao comportamento humano, especialmente daqueles que estavam ocupando o poder. Observaremos também em que medida a peça dialoga com o moderno teatro brasileiro, que havia nascido no início da década de 1940.

Palavras-chave: teatro brasileiro; Millôr Fernandes; Flávio Rangel; *Liberdade, liberdade*

Millôr Fernandes representa, sem dúvida alguma, um dos nomes mais importantes e reconhecidos da literatura brasileira contemporânea, porém, suas obras ainda não foram estudadas na mesma medida em que são conhecidas e valorizadas. Nascido no Rio de Janeiro em 1924, Millôr Fernandes mostrou-se ao longo de décadas de trabalho um escritor versátil, extremamente produtivo e crítico em relação à realidade social e política brasileira. O autor exercitou sua escrita bem humorada e reflexiva em diversos gêneros literários, e, dentre eles, sua produção dramática é bastante expressiva.

Millôr começa a escrever suas peças na década de 1950, e continua pelas quatro décadas seguintes. Além de ter-se iniciado na dramaturgia em um momento de grande importância para a história do teatro brasileiro, com toda a sua carga de inovação e transgressão, a vida política nacional se transformaria radicalmente na década seguinte. As referências aos momentos históricos e políticos vividos em nosso país aparecem de maneira muito relevante nas peças do autor, o que também traz para seu teatro uma importância de outra natureza.

Como autor teatral, Millôr Fernandes alcançou grande sucesso em várias obras, como é o caso de *Liberdade, liberdade*, escrita em colaboração com Flávio Rangel e representada em 21 de abril de 1965. A data de estreia da peça, dedicada a Tiradentes, não seria uma mera coincidência. O *Grupo Opinião* foi o responsável pelo espetáculo, e contou com a direção de Flávio Rangel.

Mesmo sofrendo toda a pressão dos tempos de ditadura militar, a peça foi um sucesso de público, e mereceu uma matéria elogiosa no *New York Times*:

Os espetáculos teatrais que elevam a voz com protestos políticos contra o regime semimilitar do Brasil estão produzindo, no País, bom entretenimento e uma nova visão dramática. A estréia, nesta semana, num teatro improvisado, de *Liberdade, liberdade* (Liberty, liberty), o mais ambicioso dos espetáculos de protesto, transformou-se imediatamente num sucesso público. A atual produção seguiu-se à brilhante carreira de *Opinião* (Opinion), que iniciou o novo movimento de teatro político. Depois de dois meses no Rio, *Opinião* está, neste momento, sendo exibido para casas cheias em São Paulo. Essas produções refletem o amplo sentimento existente entre os jovens intelectuais brasileiros de que o regime do presidente Humberto Castelo Branco, com sua forte posição anticomunista, é hostil à liberdade cultural e intolerante quanto a críticas de esquerda no que se refere às condições econômicas e sociais do Brasil.¹

Liberdade, liberdade é uma peça construída a partir da seleção de textos de diversos escritores, pensadores, artistas, políticos, filósofos e outras personalidades nacionais e estrangeiras que falaram sobre a liberdade. Os textos selecionados foram traduzidos (quando necessário), adaptados, fragmentados ou sintetizados pelos autores, compondo todos juntos uma unidade em torno do mesmo tema. Os atores não aparecem como personagens definidos e individualizados, pois são identificados no texto da peça pelo próprio nome: Paulo (Autran), Vianna (Oduvaldo Vianna Filho), Nara (Leão) e Tereza (Raquel). A estrutura do texto é inovadora, pois não há tempo cronológico, os textos são costurados com canções e há, também, a presença do coro do teatro grego. Tem-se um jogo de cena evidentemente particular.

Tudo ainda é articulado com uma sátira ao comportamento humano, especialmente daqueles que estavam, naquele momento, ocupando o poder. Em um prefácio para a peça, Millôr afirma:

Tentamos fazer um espetáculo que servisse à hora presente, dominada, no Brasil, por uma mentalidade que, sejam quais sejam as suas qualidades ou boas intenções, é nitidamente borcoxô. E cuja palavra de ordem parece ser retroagir, retroagir, retroagir. E como não queremos retroagir senão para a frente, mandamos aqui a nossa modesta brasa, numa forma que, para ser válida e atingir seus objetivos espetaculares, tinha que ser teatralmente atraente. Se conseguimos ou não nosso objetivo deverão dizê-lo as poltrona cheias (ou vazias) do teatro.²

O Brasil vivia o primeiro ano após o golpe militar de 1964, dramaturgos e artistas organizavam-se em grupos de resistência que marcariam a produção teatral daquela década. O *Grupo Opinião*, justamente formado com esse propósito, foi um exemplo da união

¹ Fragmento do texto publicado no *New York Times* em 25 de abril de 1965 sobre as representações de *Liberdade, liberdade*. RANGEL, Flávio; FERNANDES, Millôr. *Liberdade, liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 2009, pág. 9.

² RANGEL, Flávio; FERNANDES, Millôr. *Liberdade, liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 2009, pág. 13.

de artistas que se interessavam em protestar contra o atual regime, promovendo, ao mesmo tempo, a dramaturgia nacional e popular. No folder do programa do espetáculo, em 1965, o grupo assinou um texto coletivo em que dizia:

Muitos acharão que *Liberdade, Liberdade* é excessivamente circunstancial. O ato cultural muito submetido ao ato político. Para nós, essa é a sua principal qualidade. (...) Consciente de si, do seu mundo, [o artista brasileiro] marca a sua liberdade, inclusive, realizando obras que são necessárias só por um instante. E que, para serem boas, necessariamente terão que ser feitas para desaparecer; deixando na história não a obra, mas a posição. (...) muitas vezes a circunstância é tão clara, tão imperiosa, que sobe à realidade (...). Afirmamos que nesse instante a realidade mais profunda é a própria circunstância - e nesse momento não ser circunstancial é não ser real.³

O *Opinião*, ligado ao *Centro Popular de Cultura da UNE* e ao *Teatro de Arena*, através de Augusto Boal (que produziu o primeiro show musical do grupo), precisava encontrar formas interessantes e atraentes para chamar atenção do público para a situação política e social que o país vivia.

Segundo Flávio Rangel:

Uma seleção de textos não é uma ideia nova no teatro moderno. É nova aqui no Brasil, onde tudo é novo, inclusive a noção de liberdade. Quando Millôr e eu resolvemos selecionar uma série de textos sobre o tema, tivemos a presunção de gravar seu som no coração dos nossos ouvintes. É evidente que existe um motivo principal para este espetáculo no momento em que vive nosso País. *Liberdade, liberdade* pretende reclamar, denunciar, protestar – mas sobretudo alertar.⁴

Ao analisarmos a estrutura de *Liberdade, liberdade*, percebemos referências a aspectos formais do teatro épico, e percebemos ainda que a utilização destas formas se mostrou muito apropriada para que o texto alcançasse seus objetivos, apontados por Flávio Rangel. Segundo Anatol Rosenfeld em “O Teatro Épico”:

(...) o uso específico dos gêneros – a sua mistura, os traços estilísticos com que se apresentam (por exemplo, o gênero dramático com forte cunho épico) – adapta-se em grande medida à situação histórico-social e, concomitantemente, à temática proposta pela respectiva época.⁵

Como a realidade brasileira, com todos os seus problemas sociais e políticos, está muito presente nas obras teatrais de Millôr, especialmente em peças como *Liberdade, Liberdade*, a presença de traços épicos é bastante produtiva para que o leitor possa

³ Programa do espetáculo, apresentado no Teatro de Arena de Copacabana em abril de 1965. (<http://www.itaucultural.org.br>)

⁴ RANGEL, Flávio; FERNANDES, Millôr. *Liberdade, liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 2009, pág. 15.

⁵ Idem, pág. 32.

alcançar a reflexão sobre uma realidade mais ampla que a das histórias individuais contadas nas peças.

Podemos citar como exemplos de elementos épicos nos textos dramáticos a interrupção de cenas para uma narração, uma declamação ou execução de uma canção, e ainda o fato de não haver tempo cronológico e de ter a presença do coro e de falas dirigidas ao expectador, com quebras na ação dramática. Todos esses procedimentos são freqüentes em *Liberdade, liberdade*, como quando os atores se dirigem à platéia para explicar um dos textos citados por eles, ou quando a fala de um ator é entrecortada por uma canção que trata ou explica o texto falado por outro ator.

A comicidade que utiliza de recursos satíricos é uma boa aliada do teatro épico, pois ela ajuda o espectador a “corrigir” o comportamento que está sendo satirizado, tendo, dessa forma, uma utilidade didática. Por essa razão, os recursos cômicos literários, como a sátira e a ironia, são bastante eficientes neste tipo de peça, e também estão presentes em *Liberdade, liberdade*. O humor e a comicidade são trabalhados com a finalidade de gerar uma reflexão sobre os rumos do homem em uma sociedade marcada pela alienação e autoritarismo. Millôr Fernandes e Flávio Rangel conseguiram unir, com muita perfeição, a reflexão sobre o mundo e o homem com as formas de comicidade.

Além das características épicas, o gênero lírico, que possui uma carga muito mais subjetiva, rítmica e musical, tem presença marcante em *Liberdade, liberdade*, estando também a serviço da interpretação da realidade brasileira. A peça é quase toda escrita em versos, já que é constante a presença de textos poéticos e canções, fazendo com que o ritmo e as rimas estejam permanentemente presentes. Ainda segundo Anatol Rosenfeld,

No fundo, porém, toda obra literária de certo gênero conterà, além dos traços estilísticos mais adequados ao gênero em questão, também traços estilísticos mais típicos dos outros gêneros. Não há poema lírico que não apresente ao menos traços narrativos ligeiros e dificilmente se encontrará uma peça em que não haja alguns momentos épicos e líricos.⁶

A obra de Millôr Fernandes para o teatro merece um estudo mais detalhado, tendo em vista as qualidades e possibilidades que seus textos dramáticos apresentam e o diálogo que estabelece com moderno teatro brasileiro. Além disso, o material teórico que se encontra sobre o autor é raro, o que é surpreendente, pois suas peças possibilitam diversas abordagens, fato comum nas obras dos grandes escritores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUINSBURG, J.; FARIA, J. R.; LIMA, M. A. de. *Dicionário do Teatro Brasileiro*. São Paulo: SESCSP/Perspectiva, 2006.

⁶ ROSENFELD, Anatol. *O Teatro Épico*. São Paulo: Perspectiva, 2008, pág. 18.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro*. São Paulo: Difel, 1962.

PRADO, Décio de Almeida. *O Teatro Brasileiro Moderno*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RANGEL, Flávio; FERNANDES, Millôr. *Liberdade, liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ROSENFELD, Anatol. *O Teatro Épico*. São Paulo: Perspectiva, 2008.